

Subjetividades do Trabalho numa Realidade Líquida

Claudiani Waiandt

Pensar sobre a subjetividade do trabalho em tempos de “modernidade líquida” (Bauman, 2001) é um desafio para gestores públicos e sociais, devido às múltiplas transformações que têm atingido as organizações e os “mundos do trabalho” (Morin, 2001). O objetivo da exposição é promover uma reflexão sobre as transformações do trabalho em uma realidade líquida pós-pandemia, a partir dos temas: tempos líquidos e o próprio moldar-se, o fim (?) do engajamento mútuo e o saber ancestral, caminho com diversas bifurcações, a engrenagem que roda a máquina, a transformação da realidade, o sentido do trabalho e a esperança.

Vivemos tempos líquidos, como dizia Zygmunt Bauman. A contemporaneidade abandona as metas-narrativas, a razão e o objetivo científico, e vislumbra a ascensão da manipulação dos signos, o descolar dos sentidos para o indivíduo e o surgimento da representação. A fluidez ou liquidez, uma forma de vivenciar a passagem do tempo, concebe um tempo sem direção definida e definitiva, dissipado em uma infinidade de momentos. Cada momento parece fechado e curto, apenas frouxamente conectado com o momento anterior ou seguinte, em uma sucessão desordenada. “[...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’” (Bauman, 2001, p. 8). Mas qual é a relação do tempo líquido e as mudanças da concepção de trabalho?



TEMPOS LÍQUIDOS

O espaço do trabalho se (re)define pelo movimento da pessoa que lhe dá vida, num infinito transformar-se, construído a partir da interação com as novas tecnologias e formas inovadoras de organização do trabalho. Vimos crescer, principalmente, após a pandemia, o trabalho remoto que é um espaço que não necessita de presença física como um “escritório tradicional”. Apesar de tal mudança espacial, o trabalho conserva um lugar importante na sociedade (Morin, 2001; Rohm; Lopes, 2024), pois constrói identidade e vínculos sociais entre as pessoas. “[...] quando vemos uma jarra de argila produzida há cinco mil anos por algum artesão anônimo [...], com um propósito bem definido [...], talvez guardar água ou óleo, em moldando a terra moldou a si próprio. [...] Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou” (Ostrowe, 1977, p. 51). O texto de Ostrowe (1977) exemplifica a reflexibilidade do trabalho que molda o(a) trabalhador(a) que molda novas formas de realizá-lo e significá-lo. Se em um momento uma jarra de argila tinha utilidade, ou seja, servia para guardar alimentos; hoje, a arte de fazer cerâmica pode significar uma experiência turística, uma terapia, dependendo do espaço e do objetivo em que é realizada.



PRÓPRIO MOLDAR-SE

A fluidez do tempo e a flexibilidade do espaço promovem oportunidades que são imprevisíveis e incontroláveis. Diferente da coruja – que possui normalmente um único parceiro para compartilhar a vida, em um engajamento mútuo –, o(a) trabalhador(a), no tempo líquido, dificilmente possuirá um único vínculo organizacional ao longo de sua carreira. Muitos de nós ouvimos histórias das trajetórias profissionais dos nossos pais e avós numa única ou poucas organizações. A carreira profissional na modernidade líquida transformou-se e ultrapassou as fronteiras das áreas científicas e das organizações, movimentando as pessoas individualmente a se responsabilizar pelo desenvolvimento de competências, pela realização de experiências e pela própria gestão da carreira.



FIM (?) DO ENGAJAMENTO MÚTUO

Os movimentos de transição de carreira reconfiguram a identidade profissional (Hall, 2002) do(a) trabalhador(a) que vivencia a incerteza e a mudança ocupacional. A velocidade da mudança na ocupação se torna uma constante, a pessoa não escolhe uma ocupação na sociedade baseada na sua formação acadêmica, pois poucas são as profissões que conseguem fazer reserva de vagas no mercado de trabalho. O que se observa é a crescente valorização do saber, saber fazer e saber ser, das experiências realizadas ao longo da vida e dos valores formados a partir da interação com a sociedade.



SABER ANCESTRAL

Este cenário produz uma vigilância em relação ao desenvolvimento de competências que, consequentemente, gera ansiedade e a sensação de tempo perdido. Tão diferente de um tempo em que o saber ancestral era passado entre as gerações e valorizava a cultura e o território. Num tempo não tão distante, aprendíamos com os nossos pais a fazer biscoitos, salgar carnes, marcenaria ou crochê; e, com amigos e vizinhos construímos em forma de mutirão uma laje de uma casa. Neste processo desenvolvíamos atitudes e valores que contribuíam para nossa realização pessoal e a busca de sentido de vida.

Em tempo de realidade líquida, a sensação é que não importa o quanto a pessoa se dedique para estar em dia com o que aparentemente é oferecido para sua formação, parece que estamos constantemente correndo atrás de algo. O que ninguém sabe é: correndo atrás de que? O caminho possui diversas bifurcações.



CAMINHO COM DIVERSAS BIFURCAÇÕES

O esvaziamento de sentido do trabalho é uma das consequências da contemporaneidade líquida. O espaço “tradicional” do trabalho engloba aspectos subjetivos que muitas vezes não são mensuráveis. A identidade e cultura organizacional se constrói em grande parte em um espaço físico, pois é referência para o compartilhamento de valores e do objetivo organizacional. Os rituais e tradições têm um componente espacial que reforça o sentimento entre os(as) trabalhadores(as) de pertencimento à organização. O(a) trabalhador(a) num sentido esvaziado se percebe como uma engrenagem que somente roda a máquina, ou seja, faz a máquina funcionar. Karl Marx em seus estudos críticos sobre a exploração da força de trabalho já discutia a alienação do trabalhador no sistema capitalista. É um retorno ao taylorismo? Quem se lembra do filme *Tempos Modernos* de Charlie Chaplin?



ENGRENAGEM QUE RODA A MÁQUINA

Rohm e Lopes (2024, p. 335-336) afirmam que “o emprego não é sinônimo de trabalho, é uma condiçãoposta ao trabalho remunerado e reconhecida socialmente. Trabalhar significa aprender a fazer e saber fazer alguma coisa que transforma a realidade e a própria pessoa que trabalha”. Refletindo sobre a afirmação, podemos concordar com os autores que o trabalho não deveria ser uma tortura, mas um processo de desenvolvimento e valorização da pessoa sobre a natureza. Como ressaltou Colbari (1995, p. 49), “a identidade coletiva do trabalhador pressupunha a apropriação de determinados conceitos e tradições, como a recuperação do valor do trabalho manual, a valorização do trabalhador e interiorização de uma ética do trabalho, ressignificando a prática do trabalho como distintivo da hominização e da civilidade”. Do mais simples trabalho ao mais complexo, pelas mãos, braços, voz, olhos, ouvidos, cérebro etc. criamos o mundo à nossa volta e participamos, conscientes ou não, de um movimento social que tanto conserva e regenera quanto muda a realidade (Rohm; Lopes, 2024).



TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

A liquidez da contemporaneidade reforçou o caráter temporário na vida e influencia a permanência no emprego. O emprego em linhas de montagem industrial e de baixa qualificação é impulsionado pelo avanço da microeletrônica e uso massivo de tecnologias de informação (como a Inteligência Artificial) e comunicação, exigindo um novo perfil. Neste novo cenário, se ampliou as jornadas flexíveis, a polivalência de competências e expansão do trabalho autônomo (Trovão; Araujo, 2017). Apesar destas mudanças, o trabalho de forma geral não espelha uma expansão de criatividade, mesmo com as transformações, o(a) trabalhador(a) não “participa dos destinos do seu trabalho, quase sempre nem vê o produto final, não se sente criador da obra” (Rohm; Lopes, 2024, p. 336).



SENTIDO DO TRABALHO

Dubar (2012) contribui com essa discussão destacando que atividades de trabalho (chamadas de ofícios, vocações ou profissões), avaliadas de forma positivas, são produtoras de obras, quer se trate de arte, artesanato, ciências ou outras atividades criadoras de algo de si, ou produtoras de serviços úteis a outro (médicos, jurídicos, educativos), pois dão um sentido à existência individual e organizam a vida de coletivos. Assim, essas atividades não se reduzem à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social, que permitem o reconhecimento social, possibilitando a identificação com o trabalho e a mudança de empregos ao longo da vida, ao mesmo tempo garantindo uma continuidade de uma carreira.



ESPERANÇA

Admitindo que uma proporção cada vez maior de pessoas mudará de emprego, e mesmo de ofício ou de profissão, ao longo de sua vida ativa em razão das novas tecnologias, mas também das políticas de empresas multinacionais e dos poderes públicos, a formação contínua, ligada ao trabalho, se torna tão importante quanto a formação inicial (Dubar, 2012).

Compreender as relações entre situações de trabalho, trajetórias de emprego e construção identitária é uma agenda que se coloca para o campo da administração pública e gestão social, pois a universidade é um dos principais redutos da formação cidadã, fonte de experiências, de novas competências e de aprendizagens para o futuro do trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COSTA, Débora Vargas Ferreira; NASCIMENTO, Rejane Prevot. Um olhar vívido para o sentido do trabalho. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 181-209, 2019.
- DA COSTA LEMOS, Ana Heloísa; CAVAZOTTE, Flavia de Souza Costa Neves; DE SOUZA, Daniel Oswaldo Santana. De empregado a empresário: Mudanças no sentido do

trabalho para empreendedores. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, [s.l.], v. 11, n. 5, p. 103-115, 2017.

DOURADO, Débora Paschoal et al. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos Ebape. BR**, [s.l.], v. 7, p. 349-367, 2009.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de pesquisa**, [s.l.], v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012.

MORIN, Edgar M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, [s.l.], v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

NEVES, Diana Rebello et al. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cadernos Ebape. Br**, v. 16, p. 318-330, 2018.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de administração de empresas**, [s.l.], v. 41, p. 08-19, 2001.

ROHM, Ricardo Henry Dias; LOPES, Natália Fonseca. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cadernos EBAPE. BR**, [s.l.], v. 13, p. 332-345, 2015.

SPINELLI-DE-SÁ, Julianna Gripp; LEMOS, Ana Heloísa da Costa. Sentido do trabalho: Análise da produção científica brasileira. **Revista ADM. MADE**, [s.l.], v. 21, n. 3, p. 21-39, 2018.

TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques; ARAÚJO, Juliana Bacelar. Transformations in the labor market and the Brazilian experience after labor reform of 2017. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 7, n. 12, 2018.